

Walter B. Wriston

México e Brasil, modelos da negociação

por Tom Camargo
de Londres

Walter B. Wriston, "chairman" e ainda principal executivo do grupo Citicorp, do qual o Citibank, o maior banco privado do mundo, é a principal subsidiária, disse ontem, em Londres, que o México irá já programada reunião dos devedores na Colômbia "apenas para apresentar um caso de sucesso. Esse país não precisa de dinheiro nem neste ano nem no próximo. Não tem do que reclamar e é um exemplo para os demais países latino-americanos."

Falando a profissionais estabelecidos na City, a membros do governo e a jornalistas, num almoço já tradicional nesta época do ano, Wriston abordou os problemas do hemisfério Sul com o otimismo e o desmembramento de quem vê luz no fim do túnel.

Previu um superávit comercial para o Brasil da ordem de US\$ 12 bilhões em 1984 e colocou o País "apenas um pouco atrás" do México em matéria de ajustamento econômico. O Citibank é o maior credor brasileiro.

"Tem havido uma enorme melhora na situação dos países em desenvolvimento", disse. No seu entender, a Argentina fará em breve um acordo com o Fundo Monetário Internacional.

(Continua na página 2)

México e Brasil, ...

por Tom Camargo
de Londres
(Continuação da 1ª página)

Se tal acerto não for obtido, porém, um "default" por parte de Buenos Aires não comprometeria as bases do sistema bancário internacional. "Brasil e México estão bem e isso é o suficiente para manter as coisas em movimento."

Na América Latina, Wriston lista uma melhora de US\$ 13 bilhões no balanço de pagamentos mexicano como apenas uma indicação entre várias que apontam a favor do modelo de renegociação adotado até há pouco.

Outros exemplos da saúde seriam a reprivatização das companhias industriais e comerciais que pertenciam aos bancos mexicanos (estatizadas junto com as empresas-mãe) e a decisão da Ford de investir US\$ 500 milhões em novos em-

preendimentos no país. A contrapartida a tais êxitos teria vindo na forma de um corte substancial no "spread" pago pelo governo de la Madrid no jumbo de US\$ 3,8 bilhões fechado meses atrás. O presidente do Citicorp falou em corte de "50%" no "spread", uma cifra que um seu assessor admitiu estar "fora da realidade dos fatos".

O Brasil teria a apresentar seu superávit comercial, a Venezuela reservas de US\$ 12 bilhões entre ouro e moedas e a Argentina a vantagem intrínseca de ser "um dos países mais ricos (em recursos naturais e potencial agrícola) que conheço". Além disso, Buenos Aires teria US\$ 2 bilhões de reservas.

Com tantas boas notícias por que pairaria no ar a ameaça de iminente catástrofe?

"Todas as notícias são boas", disse Wriston, "mas todos os noticiários de imprensa são ruins. Os cães estão vigiando a presa errada."

Como mais uma vez a culpa é da imprensa, outros temas controversos perderiam sua importância, "se colocados na perspectiva correta".

As dívidas duvidosas ("non-performing") dos bancos norte-americanos, por exemplo, seriam deli-

çadas do ponto de vista legal, mas estariam causando menos danos do que o divulgado.

"Nos últimos dez anos recuperamos sempre, em média, 30% de todas as operações que havíamos dado por perdidas. E no primeiro trimestre de 1984 tivemos um lucro de 13% sobre transações que considerávamos perdidas no trimestre anterior."

A perspectiva de os países devedores darem garantias a investimentos diretos feitos por credores estrangeiros (uma idéia forte no recém-terminado encontro de cúpula dos industrializados) e os reescalonamentos de longo prazo como aval do FMI são tidos como boas idéias. "Muitos países não querem capital externo. Outros, como Formosa, Hong Cong, Coréia, querem e talvez por isso tenham mais resistência às crises."

ABERTURA DOS MERCADOS

Na frente internacional Wriston não vê saída para a crise do endividamento que não passe pela abertura dos mercados dos países desenvolvidos para as exportações do Terceiro Mundo. Calcula que cada ponto percentual de crescimento no Produto Nacional Bruto de um cesto de países em desenvolvimento permitiria o pagamento de 7% de sua dívida externa.

A crise do sistema bancário norte-americano, insi-

nuada a partir dos problemas do Continental Illinois e aquecida pelos rumores quanto à firmeza do Manufacturers Hanover, seria mais um exemplo de manipulação de informações. Indagado por que este banco teria vendido grandes posições de bônus do Tesouro norte-americano no meio da crise, Wriston afirmou: "Eles não tinham tais papéis em quantidade, portanto, não podiam vendê-los. Mesmo assim os telex insistiam em dar a notícia". O "chairman" do Citicorp acredita que o déficit fiscal norte-americano não chegará a US\$ 200 bilhões no final deste ano. Uma cifra de US\$ 170 bilhões parece-lhe mais realista. Quanto às taxas de juros para clientes preferenciais ("prime rate"), ele assume que elas "talvez" estejam abaixo do presente nível quando dezembro chegar.

NEGÓCIO

Wriston teve nessa sua passagem por Londres uma venda a concluir. O Citibank vendeu sua participação de 48% no capital do Grindlays Bank a um consórcio australiano. Isto significou cerca de US\$ 120 milhões, a serem aplicados no fortalecimento de outras operações internacionais do grupo. O banco norte-americano considerou que sua cota na casa inglesa já se tornava desnecessária, dada a sua crescente operação direta no mercado da City.